

ARTE E EXPERIÊNCIA

Dois poemas de Philip Larkin

Alípio Correia de Franca Neto

Nascido em 1922 em Coventry, Inglaterra, o poeta e romancista inglês Philip Arthur Larkin frequentou o St. John's College, em Oxford. Trabalhou em bibliotecas a partir de 1943 antes de tornar-se responsável pela Biblioteca Brynmor Jones, na pequena cidade de Hull, onde morreu em 1985. Seus primeiros poemas foram publicados numa antologia de poetas de Oxford em 1944. No ano seguinte, publicou seu livro individual de estréia, *The North Ship*, que deixa transparecer a influência de Yeats. A partir de 1946, torna-se leitor e admirador da poesia de Thomas Hardy.

Seu segundo volume de poesia, *The Less Deceived* (1955), transforma-o no principal poeta de sua geração e porta-voz da corrente literária conhecida como The Movement (O Movimento), caracterizada pelo tom irônico e anti-romântico. A obsessão com temas como mortalidade, amor e solidão é confirmada pelo poeta em seus livros seguintes, *The Whitsun Weddings* (1964) e *High Windows* (1974). Publicou também os romances *A Girl in Winter* (1947) e *Jill* (1964) e livros de prosa, incluindo um volume de textos sobre jazz americano.

Os poemas de Larkin revelam um poeta em sua observação isolada e resignada ao fracasso do amor, à inevitabilidade da solidão e

da morte e à alienação e pathos do homem moderno, reconhecendo contudo a necessidade da transcendência, por frágeis que sejam os fundamentos que a constituem. Incorporando elementos os mais triviais em composições marcadas na maioria das vezes por estruturas racionais, com formas estróficas, rímicadas e rítmicas complexas, ora tradicionais ora carregadas de recursos formais de distanciamento, tal como rimas imperfeitas e a presença contínua de cavalgamentos, esses poemas têm como traço comum o emprego de uma linguagem estritamente coloquial, muito propícia ao tipo de meditação silenciosa que se propõem, em geral da parte de uma observação distante, e, em seu desenvolvimento, parecem buscar aproximar ainda mais prosa e poesia. Um dos centros de gravidade dessa poesia, porém, diz respeito à transmissibilidade da experiência por meio da arte. A isso o próprio Larkin, sempre tão avesso a falar de sua poesia, refere-se explicitamente em uma de suas poucas declarações:

Escrevo poemas para preservar as coisas... tanto para mim mesmo e para os outros, embora eu sinta que minha responsabilidade fundamental é para com a própria experiência, que estou tentando preservar do esquecimento pelo bem dela mesma. Não sei por que devo fazer isso, mas creio que o impulso para preservar está no âmago da arte...

Dos poemas ora publicados aqui, “Um Túmulo dos Arundel” constitui uma clara afirmação do valor e do pathos da arte para Philip Larkin. Nele, percebemos que, por meio das mãos do artista, a arte serve de meio contra a mudança e a perda. Na obra do escultor, em torno da qual gira o poema, os costumes de uma era afeita a braços, com suas cotas de malha e pregas espessas, ainda são “entrevistos”,

independentemente do significado que um dia tiveram no que concerne a ideais cavaleirescos, poder e refinamento. O poema nos parece dizer, contudo, que, se a intenção do escultor era preservar o caráter único de determinada experiência, ou seja, “prolongar os nomes em latim no pedestal”, sua arte fracassou, pois, submetida à erosão dos tempos, à “muda avaria”, acabou por nos legar apenas o que não necessita de nomes nem datas de nascimento ou morte, como se vê na menção à neve que cai “sem data” sobre a escultura. Desse ângulo, o que permanece para nós recusou a contingência, e sua natureza é absolutamente genérica e universal – no caso, o “Amor”, que “é o quanto restará de nós”.

Já em “Os Casamentos de Pentecostes”, o tema da transmissibilidade por meio da arte também é evocada, ainda que de maneira menos direta. Nesse poema, que se inicia realisticamente com uma cena comum – um pessoa atrasada se apressa a pegar o trem – a voz que se ouve é a de um típico outsider, desses que figuram em tantos poemas de Larkin, mas que, diferentemente deles, acaba por integrar-se quase inadvertidamente à experiência que descreve. A princípio, sua consciência vai apanhando meio mecanicamente — como as rodas do trem deslizando sobre os trilhos — flashes da paisagem. Nessa sucessão de imagens, seus sentidos são estimulados por meio de pára-brisas ofuscantes, de uma estufa “inflamando-se”, da friagem nas plataformas, do cheiro das docas e do olor dos prados se sobrepondo ao cheiro de mofo no vagão. Até aí, sua visão ainda é a do outsider, bombardeado passivamente por imagens de um mundo que lhe é exterior e por que não demonstra simpatia, apresentado como é na forma de fenômenos puramente objetivos, planos e destituídos de dimensão espiritual. Em determinado momento, porém, esse observador dá-se conta

do barulho dos casamentos, e sua curiosidade se aguça; agora, ele passa a ver tudo “em tons diferentes”, e sua percepção parece captar como que uma qualidade simbólica num gesto trivial: “como que saídas de uma festa,/ Com um adeus/ A alguma coisa que lhe sobrevivesse”; a seguir, com os tons de “ limão, ocre-azeitona e cor de malva”, que conferem às jovens até mesmo certo ar “ irreal” contra o pano de fundo da paisagem, insinua-se, oblíquo, certo anseio de transcendência da parte da voz que diz o poema, a partir desse momento não mais em sua indiferença passiva, porém entregue a uma cognição ativa, imprimindo sentido a um mundo antes apresentado como mera aparência. Em sua observação atenta, à vista das pessoas presentes no casamento, conjectura acerca de vínculos de parentesco, e chega a discernir estados de espírito quase imperceptíveis – o cenho franzido das crianças, entediadas com o que vêem, ou garotas apertando as bolsas num transe extático. Para essa voz que narra os acontecimentos da viagem, os casamentos já se tornaram uma experiência partilhada. A viagem, então, é mais uma metáfora para a vida, e o trem, um veículo que transporta os passageiros para seu destino; dessa maneira, o poema se desenvolve a evocar o ciclo das estações, do nascimento, morte e matrimônio, bem como o papel desempenhado pelas pessoas que retrata. Enquanto aos poucos vamos percebendo intensificar-se uma ligação empática do observador com o que vê (por todo o poema, um “eu” costuma dar lugar a um “nós” mais abrangente) é-nos informado que a vida de quantos presenciaram os casamentos “conteriam tais momentos” para sempre — do que não é difícil depreender que o conteúdo dessa experiência, a partir daquele momento, também faria parte da vida do narrador, levado a vivê-la apenas por uma “frágil coincidência” – o

mero acaso de seguir em viagem em companhia de recém-casados – conteúdo que, transubstanciado, “estava/Prestes a se soltar” – possivelmente, por meio de um poema, capaz de preservar a experiência. Depois disso, o que vemos é um arremate tipicamente simbolista, lançando mão de palavras de conotação sexual discretamente insinuadas na descrição do trem, enquanto este vai diminuindo sua marcha: “e os freios retesados segurando, inchava/Uma impressão de queda, qual jorro de setas/Disparadas ao céu, virando chuva algures”.

Esse comentário superficial, porém, não pode dar conta em tão breve espaço das complexidades desses poemas, que, valendo-se de elementos os mais triviais e por meio do poder de sugestão e de evocação de uma atmosfera, bem como de um tom que oscila entre ternura lírica e ironia, podem muito bem ser lidos como exemplos do modo como um grande poeta é capaz de transformar paixões obscuras de sua vida submersa em lucidez e perfeição formal de artefato.

An Arundel Tomb

Side by side, their faces blurred,
The earl and countess lie in stone,
Their proper habits vaguely shown
As jointed armour, stiffened pleat,
And that faint hint of the absurd –
The little dogs under their feet.

Such plainness of the pre-baroque
Hardly involves the eye, until

It meets his left-hand gauntlet, still
Clasped empty in the other; and
One sees, with a sharp tender shock,
His hand withdrawn, holding her hand.

They would not think to lie so long.
Such faithfulness in effigy
Was just a detail friends would see:
A sculptor's sweet commissioned grace
Thrown off in helping to prolong
The Latin names around the base.

They would not guess how early in
Their supine stationary voyage
The air would change to soundless damage,
Turn the old tenantry away;
How soon succeeding eyes begin
To look, not read. Rigidly they

Persisted, linked, through lengths and breadths
Of time. Snow fell, undated. Light
Each summer thronged the glass. A bright
Litter of birdcalls strewed the same
Bone-riddled ground. And up the paths
The endless altered people came,

Washing at their identity.
Now, helpless in the hollow of
An unarmorial age, a trough
Of smoke in slow suspended skeins

Above their scrap of history,
Only an attitude remains:
Time has transfigured them into
Untruth. The stone fidelity
They hardly meant has come to be
Their final blazon, and to prove
Our almost-instinct almost true:
What will survive of us is love.

20 February 1956

Um túmulo dos Arundel

Lado a lado, com o rosto gasto e rude,
Em pedra, jazem o conde e a condessa;
Seus usos se entrevêem na prega espessa,
Numa cota de malha e através
Daquele leve toque do absurdo:
Os cachorrinhos que eles têm aos pés.

Essa simplicidade pré-barroca
Pouco chama a atenção, até a surpresa
Da luva esquerda dele, esta, presa,
Vazia, na outra mão, e até àquela
Terna visão que súbito nos toca:
A da mão nua segurando a dela.
Ninguém pensava em fazer tanto assim.
Tal fidelidade em efígie era um

Detalhe só para os amigos verem:
Requinte encomendado ao escultor
Pra prolongar os nomes em latim
No pedestal, gravados ao redor.

Ninguém imaginava quão veloz,
Na viagem fixa e inerte, o ar haveria
De se mudar nessa muda avaria,
Deixando longe os velhos suseranos,
E os olhos passariam, um após
O outro, a olhar sem ler. Sofrendo os danos,

Perseveraram, juntos, na extensão
Do tempo. Sem data, a neve caiu.
A luz encheu vitrais a cada estio.
Escória branca de ave foi lançada
No mesmo chão cheio de ossos. Veio, então,
A gente eternamente transformada,

Afluindo à sua identidade. E agora,
Inermes, no vazio de um tempo infenso
Às armas, alguidar de fumo denso
Em cordões lentos, pensos, que flutua
Sobre seu mísero quinhão de história,
Somente uma atitude continua:

O tempo transfigurou-os em tal
Mentira. E essa fidelidade em pedra,
Que certamente não buscaram, queda
Como um brasão final, e atesta a voz

Do nosso quase-instinto quase real:
Amor é quanto ficará de nós.

The Whitsun Weddings

That Whitsun, I was late getting away:
Not till about
One-twenty on the sunlit Saturday
Did my three-quarters-empty train pull out,
All windows down, all cushions hot, all sense
Of being in a hurry gone. We ran
Behind the backs of houses, crossed a street
Of blinding windscreens, smelt the fish-dock; thence
The river's level drifting breadth began,
Where sky and Lincolnshire and water meet.

All afternoon, through the tall heat that slept
For miles inland,
A slow and stopping curve southwards we kept.
Wide farms went by, short-shadowed cattle, and
Canals with floatings of industrial froth;
A hothouse flashed uniquely: hedges dipped
And rose: and now and then a smell of grass
Displaced the reek of buttoned carriage-cloth
Until the next town, new and nondescript,
Approached with acres of dismantled cars.
At first, I didn't notice what a noise
The weddings made

Each station that we stopped at: sun destroys
The interest of what's happening in the shade,
And down the long cool platforms whoops and skirls
I took for porters larking with the mails,
And went on reading. Once we started, though,
We passed them, grinning and pomaded, girls
In parodies of fashion, heels and veils,
All posed irresolutely, watching us go,

As if out on the end of an event
Waving goodbye
To something that survived it. Struck, I leant
More promptly out next time, more curiously,
And saw it all again in different terms:
The fathers with broad belts under their suits
And seamy foreheads; mothers loud and fat;
Na uncle shouting smut; and then the perms,
The nylon gloves and jewellery-substitutes,
The lemons, mauves, and olive-ochres that

Marked off the girls unreally from the rest.
Yes, from cafés
And banquet-halls up yards, and bunting-dressed
Coach-party annexes, the wedding-days
Were coming to an end. All down the line
Fresh couples climbed aboard: the rest stood round;
The last confetti and advice were thrown,
And, as we moved, each face seemed to define
Just what it saw departing: children frowned

At something dull; fathers had never known

Success so huge and wholly farcical;
The women shared
The secret like a happy funeral;
While girls, gripping their handbags tighter, stared
At a religious wounding. Free at last,
And loaded with the sum of all they saw,
We hurried towards London, shuffling gout of steam.
Now fields were building-plots, and poplars cast
Long shadows over major roads, and for
Some fifty minutes, that in time would seem

Just long enough to settle hats and say
I nearly died,
A dozen marriages got under way.
They watched the landscape, sitting side by side
— An Odeon went past, a cooling tower,
And someone running up to bowl – and none
Thought of the others they would never meet
Or how their lives would all contain this hour.
I thought of London spread out in the sun,
Its postal districts packed like squares of wheat:

There we were aimed. And as we raced across
Bright knots of rail
Past standing Pullmans, walls of blackened moss
Came close, and it was nearly done, this frail

Travelling coincidence; and what it held
Stood ready to be loosed with all the power
That being changed can give. We slowed again,
And as the tightened brakes took hold, there swelled
A sense of falling, like an arrow-shower
Sent out of sight, somewhere becoming rain.

18 October 1958

Os casamentos de Pentecostes

Atrasei-me a sair naquele Pentecostes:

Não foi senão

Cerca de uma e vinte — um sábado de sol forte —
Que o trem largou, quase sem gente, da estação,
Cada janela aberta, assentos quentes, finda
Toda a pressa. Passando atrás de um casario,
Cruzamos uma rua de ofuscantes pára-
Brisas, sentimos o ar das docas; em seguida,
Amplamente sereno, começou o caudal do rio,
Onde se juntam céus, Lincolnshire e águas claras.

Toda a tarde, pelo interior, seguindo em lenta

Curva interrupta,

Fomos pro sul, sob o mormaço modorrento.
Passaram-se fazendas, grei de sombra curta,
Canais com espuma industrial boiando; então,
Uma estufa inflamou-se, e sebes em desnível

Se sucederam; vez por outra, o olor dos prados
Impunha-se ao bolor no forro do vagão,
Até que outra cidade, nova e indefinível,
Chegou com campos de automóveis desmanchados.

A princípio, nem dei-me conta do barulho
Dos casamentos,
Ao paramos nas estações: o sol anula o
Apelo do que ocorre à sombra, e em tais momentos,
Na plataforma longa e fresca, o alvoroço,
Tomei-o por carregadores em caçoadas
Com estafetas, e continuei lendo. Ao partir,
No entanto, nós passávamos por elas: moças —
Caricaturas da moda — rindo, arrumadas,
Salto alto e véu, pose indecisa, nos vendo ir,

Como que saídas de uma festa, com um adeus
A alguma coisa
Que lhe sobrevivesse. Atento dessa vez,
Me debrucei mais prontamente, mais curioso,
E vi tudo de novo em termos diferentes:
Os pais, de cinto largo e terno, a testa suada;
Mães gordas e ruidosas; um tio, que berrava
Frases obscenas; em seguida, permanentes,
Luvas de náilon e bijuterias, cada
Tom de limão, ocre-azeitona e cor de malva

Dando a elas certo ar irreal quanto à paisagem.
Sim, com os cafés,

As mesas no jardim e axexos pra carruagens
Com fitas — shows à parte — iam ficando atrás
Os dias de casamento. Pelos trilhos, outros
Casais subiam no trem; plantado ali, o resto
Olhava; conselhos e confetes finais
E, ao irmos, parecia-se definir nos rostos
O que se via partindo: crianças, com a testa
Franzida diante de algo chato: nunca os pais

Tiveram êxito tão hilário e colossal;
Donas trocavam
O segredo, como em alegre funeral,
E as moças, apertando as bolsas, contemplavam
Alguma chaga mística. Livres, largávamos,
Por fim, levando a soma do que viu-se atrás,
Rumo a Londres, rojando jatos de vapor.
Agora, os campos eram loteamentos, álamos
Deitavam longa sombra em vias principais,
E em quase uma hora (que ia parecer depois

Só dar para dizer, depondo-se o chapéu,
“Quase morri!”)
Uma dúzia de casamentos transcorreu.
Sentados lado a lado, observavam dali
A vista — um cinema, uma torre de esfriamento,
Alguém correndo para arremessar a bola —
Sem que pensassem nos que não veriam mais,
Nem que estas vidas conteriam tal momento.
Pensei em Londres, distendida sob o sol, as

Regiões postais dispostas tal como trigais:

Íamos pra lá. Dos trilhos de luzentes nós,
Vimos a imagem
De Pullmans parados passar, e vir a nós
Muros negros de musgo — já acabava, a frágil
Coincidência da viagem. Seu conteúdo estava
Prestes a se soltar, com a força que acarreta
Ser mudado. Contendo a marcha a essa altura, e
Os freios retesados segurando, inchava
Uma impressão de queda, qual jorro de setas
Disparadas ao céu, virando chuva algures.

Alípio Corrêa de Franca Neto e tradutor e ensaísta, autor de *Música de câmara* (1999) e *Pomas, um tostão cada* (2001)